

A carta anónima que segue foi endereçada ao director dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste:

A amostra tem-nos. Ação sindicalista do descarrilamento de Aljustrel. Enquanto não fôr atendida a nossa situação económica, não haveremos ficar por aqui.

Viva a Anarquia.

Viva a Revolução Social.

Antes dos comentários, descrevemos primeiramente o aspecto da carta. As estampilhas que na frente do envelope se viam ti azul e o carimbo da ambulância do Sul. A letra do mesmo subscrito era desfida, mas elegante, e o texto que os leitores acabam de ler era escrito só com letras maiúsculas bem desenhadas.

O leitor que não tiver os olhos vendados pelos manejos conservadores já deve ter compreendido o requinte de malvadeza que esta carta representa. Ela é resultante do plano que vimos denunciando. Surge claramente o pensamento de prender operários a tóiro e a direito.

Têm sido sucessivamente presos e postos em liberdade operários, sem que o público atribua aos anarquistas a catástrofe ferroviária habilmente preparada por elementos reacionários — sim, elementos reacionários, porque outros factos por nós conhecidos confirmam as nossas suspeitas — escrevem-se aquela carta para que amanhã na coluna da imprensa burguesa sirva de argumento a falsa prova das suas afirmações vis.

Felizmente que os avançados também tem a sua polícia...

A maneira como conseguimos tomar conhecimento deste documento não a revelamos porque ainda nos pode ser útil mais uma vez.

O importante é que o povo tem conhecimento da forma jesuítica como os conservadores estão preparando na sombra, hipócritamente, a atmosfera de terror, que lhes facilitaria dar na organização operária o golpe de misericórdia. Mas nós não dormimos!

Liguemos todos os fios da meada conservadores.

Aparecem ontem nos jornais burgueses uma nota oficiosa da Confederação Patronal, organismo de patrões, das assembléas, de Pedro de Araújo, de honrados negociantes de negócios de muitos, pre-idiado por um ex-ferroviário, um tal Sérgio Príncipe, que ainda dum conto ao Sindicato Ferroviário dum dinheiro que chamou a si.

Essa Confederação Patronal faz, entre outras, falsidades de somenos importância, duas afirmações que pecam por menos verdadeiras:

1.º Que não tem conhecimento de qualquer movimento de carácter conservador.

2.º Que tem ao contrário elementos para assegurar que se prepara um movimento de carácter extremista, com fins perturbadores da ordem e formadores da anarquia social.

A primeira afirmação é natural. Estamos hábitos de quem engana o público constantemente, quando diz ser bom o bacalhau rôde, que vende, mentir desonestamente.

Nós, porém, afirmamos categoricamente que aquele organismo patronal não tem conhecimento dum movimento de carácter conservador, como até o coadjutor. Afirmamos e provamos o que afirmamos.

E' ou não verdade ter o sr. Sérgio Príncipe — o tal que ainda não denunciou o dinheiro que lá tem — acompanhado dum seu colega da Patronal, ter procurado numa terra da Beira um eleitor político que ia perdendo a vida quando da última revolução, a fim de proponha-lhe a chefia dum movimento que vade?

E' ou não v. r. d. de esse político ter respondido com uma recusa?

E' ou não verdade o mesmo Sérgio Príncipe ter pedido a alguém que ouvira o convite para não divulgar o que se não estão a sólida da polícia.

Sim, tudo isto é absolutamente verdade.

Prossigamos. Não há muito tempo que um fiscal dos tabacos, passando numa a mercearia, descobriu um cajote de balas Kropatchek. O merceiro, visivelmente atrapalhado, disse que tinha aquela armamento para defender-se dum possível ataque e ofereceu ao referido fiscal a quantia de mil escudos para que lhe deixasse ficar. Entretanto sofreu o dissabor de as balas lhe serem apreendidas e enviadas para o governo civil.

Também elementos da Patronal percorreram vários estabelecimentos atormentando os proprietários e dizendo que os bolchevistas preparam uma revolução; junt-se a tudo isto o ambiente terríferante que os jornais burgueses estão preparando e digam-nos os leitores se o desastre ferroviário, bombas e todos os acontecimentos alarmantes destes últimos dias não fazem parte integrante dum plano habilmente combinado.

Quanto à segunda afirmação de Patronal de que se prepara um movimento extremista obedece ao mesmo plano terrorista que está sendo posto em ação.

Avançou-se pois a hora do golpe derradeiro que os conservadores estão preparando. O embate entre as duas forças — as únicas forças verdadeiras — extremistas e conservadores é inevitável. Há muito tempo que o vimos denunciando. Ela é uma fatalidade histórica. Vamos saber agora quem de facto pretende o progresso, a liberdade, a emancipação dos escravos da finança, do comércio, da indústria que, tuberculando o povo, tem causado a ruina do país, e quem deseja regressar à opressão barbara, em que o povo não pode sequer respirar.

Os conservadores vão atacar e não recuarão perante elas. Ou vence ou morre!

U. S. O.

Conselho de Delegados

Para continuação dos trabalhos da última sessão, reúne amanhã, pelas 20,30 horas, o Conselho de delegados da União dos Sindicatos Operários.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 914

Redacção, Administração e Tipografia

Domingo, 14 de Novembro de 1921

PREÇO 50 CENTAVOS

Caçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhada-Lisboa Telefone 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

COMEMORANDO A PAZ



TODOS O MESMO

polícia contra o operariado

Apesar da última revolução ter sido feita para restabelecer a justiça, as perseguições continuam

A última revolução, cujo impeto renovador foi profusamente enunciado noutro programa, deixou de pé, sem abalo, imutável, a mania estúpida, políciesca, de prender operários a tóiro e a direito.

Têm sido sucessivamente presos e postos em liberdade operários, sem que o público atribua aos anarquistas a catástrofe ferroviária habilmente preparada por elementos reacionários — sim, elementos reacionários, porque outros factos por nós conhecidos confirmam as nossas suspeitas — escrevem-se aquela carta para que amanhã na coluna da imprensa burguesa sirva de argumento a falsa prova das suas afirmações vis.

Felizmente que os avançados também tem a sua polícia...

A maneira como conseguimos tomar conhecimento deste documento não a revelamos porque ainda nos pode ser útil mais uma vez.

O importante é que o povo tem conhecimento da forma jesuítica como os conservadores estão preparando na sombra, hipócritamente, a atmosfera de terror, que lhes facilitaria dar na organização operária o golpe de misericórdia. Mas nós não dormimos!

Liguemos todos os fios da meada conservadores.

Aparecem ontem nos jornais burgueses uma nota oficiosa da Confederação Patronal, organismo de patrões, das assembléas, de Pedro de Araújo, de honrados negociantes de negócios de muitos, pre-idiado por um ex-ferroviário, um tal Sérgio Príncipe, que ainda dum conto ao Sindicato Ferroviário dum dinheiro que chamou a si.

Essa Confederação Patronal faz, entre outras, falsidades de somenos importância, duas afirmações que pecam por menos verdadeiras:

1.º Que não tem conhecimento de qualquer movimento de carácter conservador.

2.º Que tem ao contrário elementos para assegurar que se prepara um movimento de carácter extremista, com fins perturbadores da ordem e formadores da anarquia social.

A primeira afirmação é natural. Estamos hábitos de quem engana o público constantemente, quando diz ser bom o bacalhau rôde, que vende, mentir desonestamente.

Nós, porém, afirmamos categoricamente que aquele organismo patronal não tem conhecimento dum movimento de carácter conservador, como até o coadjutor. Afirmamos e provamos o que afirmamos.

E' ou não verdade ter o sr. Sérgio Príncipe — o tal que ainda não denunciou o dinheiro que lá tem — acompanhado dum seu colega da Patronal, ter procurado numa terra da Beira um eleitor político que ia perdendo a vida quando da última revolução, a fim de proponha-lhe a chefia dum movimento que vade?

E' ou não v. r. d. de esse político ter respondido com uma recusa?

E' ou não verdade o mesmo Sérgio Príncipe ter pedido a alguém que ouvira o convite para não divulgar o que se não estão a sólida da polícia.

PÚS

O Simão Laboreiro, mais conhecido pelo *Laboreiro*, botou ontem uma enxete, insultando-nos. Nós já dissemos uma vez a esse pulha que não discutimos com ladões, nem necessitamos, como certos financeiros que tem escandalos na vida íntima, pagar-lhe o silêncio.

Nós negativamente responderão, todos os que não são reacionários, todos os que não estão a sólida da polícia.

E' ou não verdade ter o sr. Sérgio Príncipe — o tal que ainda não denunciou o dinheiro que lá tem — acompanhado dum seu colega da Patronal, ter procurado numa terra da Beira um eleitor político que ia perdendo a vida quando da última revolução, a fim de proponha-lhe a chefia dum movimento que vade?

E' ou não v. r. d. de esse político ter respondido com uma recusa?

E' ou não verdade o mesmo Sérgio Príncipe ter pedido a alguém que ouvira o convite para não divulgar o que se não estão a sólida da polícia.

Sim, tudo isto é absolutamente verdade.

Prossigamos. Não há muito tempo que um fiscal dos tabacos, passando numa a mercearia, descobriu um cajote de balas Kropatchek. O merceiro, visivelmente atrapalhado, disse que tinha aquela armamento para defender-se dum possível ataque e ofereceu ao referido fiscal a quantia de mil escudos para que lhe deixasse ficar. Entretanto sofreu o dissabor de as balas lhe serem apreendidas e enviadas para o governo civil.

Também elementos da Patronal percorreram vários estabelecimentos atormentando os proprietários e dizendo que os bolchevistas preparam uma revolução; junt-se a tudo isto o ambiente terríferante que os jornais burgueses estão preparando e digam-nos os leitores se o desastre ferroviário, bombas e todos os acontecimentos alarmantes destes últimos dias não fazem parte integrante dum plano habilmente combinado.

Quanto à segunda afirmação de Patronal de que se prepara um movimento extremista obedece ao mesmo plano terrorista que está sendo posto em ação.

Avançou-se pois a hora do golpe derradeiro que os conservadores estão preparando. O embate entre as duas forças — as únicas forças verdadeiras — extremistas e conservadores é inevitável. Há muito tempo que o vimos denunciando. Ela é uma fatalidade histórica. Vamos saber agora quem de facto pretende o progresso, a liberdade, a emancipação dos escravos da finança, do comércio, da indústria que, tuberculando o povo, tem causado a ruina do país, e quem deseja regressar à opressão barbara, em que o povo não pode sequer respirar.

Os conservadores vão atacar e não recuarão perante elas. Ou vence ou morre!

Revulsivos

Men bondoso São Martinho
Que os mendigos socorrem
Cobrindo-os, no seu caminho,
Com a roupa que despiam,
Não te esqueç, amiguito.

Mas o destino que é vário
Não permite que eu pudesse
Celebrar a tua aniversário.

Por mais voltas que eu lhe desse
Não dispus do seu necessário.

E tu que em minh'alma lês
O que por mim está passando,

Tu bem sabes, tu bem vês
Como em vivo, como em ando.

Tomou o cérebro parado;
Não sei escrever nem rimar.

Sou um poeta em ravação,

Um homem caído ao mar,

Morrendo em tempos afogado.

Sinto bem que ensandecí;

Na tua destra tens a bala,

Outro amigo já perdi;

Também se me foi a viola

O gato Chiribí.

J. B.

"A revolta da carne"

Mais uma vez, mal grado nosso, somos forçados a interromper a publicação do nosso folheto, contando, porém, que a partir da terça-feira, não temos de repetir esta resolução, que a fala de espaço nos impõe.

Avançou-se pois a hora do golpe derradeiro que os conservadores estão preparando. O embate entre as duas forças — as únicas forças verdadeiras — extremistas e conservadores é inevitável. Há muito tempo que o vimos denunciando. Ela é uma fatalidade histórica. Vamos saber agora quem de facto pretende o progresso, a liberdade, a emancipação dos escravos da finança, do comércio, da indústria que, tuberculando o povo, tem causado a ruina do país, e quem deseja regressar à opressão barbara, em que o povo não pode sequer respirar.

Os conservadores vão atacar e não recuarão perante elas. Ou vence ou morre!

Instrução

Foi para o Diário do Governo o decreto autorizando a abertura de um crédito de 310 contos, pa a pagamento das despesas de material e outras do ensino primário geral, respeitantes ao ano económico de 1920-1921.

Foi igualmente para a Jóia oficial o decreto autorizando a transferência de verbas das dotações da Universidade de Coimbra, alim de serem pagos fornecimento de instrumentos científicos para apreciação spectrográphica do sol e do espírito humano tário dos ferroviários.

António José Piloto protestou, em nome dos ferroviários do Sul e Sueste con-

Em torno da catástrofe ferroviária

Chegam hoje a Lisboa alguns cadáveres das vítimas — O proletariado repudia as insinuações da imprensa burguesa

A propósito do infame atentado que criminosos — talvez pagos pelos conservadores — praticaram contra o comboio do Algarve, continuam os jornais burgueses a vomitar as suas calúnias repugnantes contra a classe operária.

O Jornal *A Epoca* que, pela maneira como se expressa, parece ser o órgão oficioso da futura revolução conservadora que se está preparando contra os avançados que desmascaram e verberaram o procedimento do comércio, da finança e da política, que levaram o país à beira do abismo, continua a fazer insinuações a esse respeito.

O *Porto-voz* que, pela maneira como se expressa, parece ser o órgão oficioso da futura revolução conservadora que se está preparando contra os avançados que desmascaram e verberaram o procedimento do comércio, da finança e da política, que levaram o país à beira do abismo, continua a fazer insinuações a esse respeito.

O *Porto-voz* que, pela maneira como se expressa, parece ser o órgão oficioso da futura revolução conservadora que se está preparando contra os avançados que desmascaram e verberaram o procedimento do comércio, da finança e da política, que levaram o país à beira do abismo, continua a fazer insinuações a esse respeito.

O *Porto-voz* que, pela maneira como se expressa, parece ser o órgão oficioso da futura revolução conservadora que se está preparando contra os avançados que desmascaram e verberaram o procedimento do comércio, da finança e da política, que levaram o país à beira do abismo, continua a fazer insinuações a esse respeito.

O *Porto-voz* que, pela maneira como se express

A fome na Rússia

Suas causas

São numerosas e complexas as causas da fome na Rússia. Enumeremo-las, para averiguar responsabilidades e estudar-lhes as consequências. Numa certa medida, fraca aliás, elas são, próprias à Rússia do antigo regime, que conheceu quase periodicamente o flagelo da fome, sem que o mundo civilizado pensasse em escandalizar-se com isso. Em quatro anos de terríveis lutas revolucionárias, a nefasta herança do antigo regime agrário não cessou de fazer sentir. A ignorância dos aldeões, os processos primitivos de cultura, bastavam já para produzir, num ano de seca, um verdadeiro catástrofe. Mas a gravidade desse não é devida apenas a causas sociais e climáticas. A nossa atenção deve recair sobre outras causas.

I. — Primeiramente, a guerra. O sr. Carlos Rivet (do *Temps*) afirma, num livro consagrado ao último tsar e a Rasputine, ao soberano desprêz dos embaixadores da República Francesa em Petrogrado pelos muçiques, reserva formidável de carne de canhão, em caso de guerra. Na época em que os leitores da imprensa burguesa lham todas as manhãs que «os cosacos estavam a dois dias de Berlim», os aliados contavam exclusivamente com a carne de canhão russa para atraçar a marcha das formidáveis máquinas de guerra dos impérios centrais. O número das perdas da Rússia foi enorme, tan grande que é fato vê-se nas cidades e aldeias russas mutilados de guerra: em regra mortiam. Multiplicaram-se os ataques à bala contra a artaria alemã, mas foi preciso pagá-los com terríveis derramamentos de sangue. As forças vivas dos campos russos ficaram por fim empobrecidas. E como ao mesmo tempo se efectuava a destruição dos transportes, como a guerra consumiu uma quantidade enorme de cavalos arrancados ao trabalho agrícola, a morte dos homens mais belos e mais vigorosos traria seguramente a morte da própria agricultura. Não é mau recordar isto de tempos a tempos...

II. — O bloqueio. Porque admirar-se de estarem hoje morrendo de fome trinta milhões de aldeões russos? A fome na Rússia foi provocada conscientemente, provocada e organizada durante anos com todos os recursos da técnica moderna. Resolveram assim, por várias vezes, os mais reputados estadistas dos dois mundos. Os franceses, os ingleses, os americanos, no conforto dos salões de Versalhes, condenaram deliberadamente à fome o imenso povo russo. Toda a imprensa aprovava — com os parlamentos, com milhares de eleitores burgueses, tudo gente culta, patriota, humana, cristã, e não sabemos que mais. As testemunhas que viram, durante o inverno de 1919, caír nas ruas de Petrogrado e de Moscova desgraçados que sucumbiam de inanição lenta, que viram diariamente, nas ruas das cidades russas, cavalos agonizando sobre a neve, que se lembram do oitavo de libra de pão distribuído então pela comunidade dos trabalhadores, que se recordam de que nessa época não entrava na Rússia um só jornal europeu, ésses sabem que a fome é, antes de tudo, o crime inexplicável da reacção internacional, premeditado com toda a serenidade de espírito. Um crime absurdo, que não matou a revolução e assentava um mal cálculo errado. Os revolucionários tiveram sempre fome! Sabem resistir-lhe. Mas as crianças morreram. Os sábios, os poetas, os fracos, toda uma pobre élite da humanidade morreu. E organizou-se agora, por vezes com o Concurso dos intelectuais que deixaram fazer o bloqueio, o socorro aos sobreviventes...

III. — A guerra civil. Sobre os países hoje devastados pela fome, a guerra civil passou pelo menos quatro vezes. Os exércitos da reacção saquearam as moradias, destruiram alfaia, mataram homens. Foi nas regiões do Volga que os tsaristas, os devidamente instruídos pelas missões militares inglesas e francesas, tomaram as armas em 1918 para esfumar a Rússia, cortando-lhe as reservas de trigo do Urals e da Sibéria. Foi lá que Savinkov e os constituintes formaram — com o apoio dos aliados, o seu governo branco. Foi lá que Kolchuk, em vésperas de ser reconhecido pela França, desencadeou as suas ofensivas. A cada passagem dos exércitos da reacção, o terror branco dizimava os aldeões, o horizonte cobria-se de clarões de incêndio, o gado era levado, as vias férreas arrancadas, as pontes destruídas... O *Daily Chronicle*, o *Journal*, o *New-York Times* anunciam — não o esqueçam — vitórias como estas: «O almirante Kolchuk fez saltar duas pontes sobre o Volga...» Já ninguém ignora hoje que a contra-revolução russa foi em grandíssima parte o crime directo do capitalismo estrangeiro. Ainda neste caso é extremamente fácil nomear os responsáveis.

IV. — O conflito entre as cidades revolucionárias e os campos arrazados na sua mentalidade pequeno-burguesa, religiosa e conservadora — confito que sóbrem tirar partido certos elementos da contra-revolução, bem servidos ainda pelas circunstâncias implacáveis que forcavam o governo dos Sóvites a empregar o sistema de requisições para bastecer o seu exército. Conta-se por centenas o número de pequenas insurreições aldeias fomentadas na região do Volga pelos socialistas revolucionários da direita ou pelo clero. O conflito entre o proletariado das cidades e a classe rural média, notadamente bem, embora tenha causas económicas e psicológicas profundas, foi sobretudo exacerbado pela guerra e pelo bloqueio. A maior parte dos excessos que ele provocou teria sido facilmente evitado se o proletariado tivesse podido, conservando-se as oficinas, fornecer aos campos, em troca do pão recebido, alguns artigos manufacturados. Mas o proletariado batia-se em sete-frentes ilimitadas. As oficinas estavam mortas. A contra-revolução tinha-se apoderado das nossas fontes de combustíveis: Denikine, o Don; os ingleses, de Baku.

Ha ainda a ver o estado extremamente primitivo da ferramentaria agrícola e a ignorância dos camponeses russos. Concede-se com efeito que se, desde 1918, isto é, logo depois da vitória operária nas ruas de Petrogrado e Moscova, o proletariado europeu tivesse sabido impôr à reacção o respeito pela revolução nascente, entusiasmado então e disposta às mais vastas iniciativas, se uma fraca parte da energia gasta depois com a guerra tivesse sido consagrada ao melhoramento das alfaia agrícolas, à criação de canais de irrigação, à instrução do camponês, a seca não teria podido arruinar algumas semanas todas as colheitas dum regime maior que a França.

Se, no actual estado de coisas, a seca não pôde devastar as mais férteis regiões da Rússia, um dos celeiros da Europa e do mundo, é porque o flagelo se desencadeou numa terra onde a guerra tinha já destruído os instrumentos e os frutos do labor humano, sobre um povo dizimado, fatigado, abastardado por infinitos sofrimentos, sobre um país onde faltam sementes, charruas, cavalos e sobre tudo saber, porque tudo lá foi destruído. Se as admiráveis planícies do Volga, abradas pelo sol, se tornam um deserto, é porque todo o mundo capitalista não tem cessado, nestes últimos quatro anos, e com o fim de esmagar a revolução, de trabalhar pela morte do povo revolucionário.

É preciso não o esquecer. Logo depois da grande matança perpetrada de 1914 a 1915, os senhores do velho mundo, os ricos, cometeram este nefando crime de lesa-humanidade: o bloqueio, tentativa de assassinato do povo russo. Quando os filantropos burgueses se comovem ao lembrarem-se da morte de milhares de crianças no governo de Saratov, quando os plimutivos que, em 1919, faziam valer as vantagens do bloco, processo pouco dispensável e de efeito seguro em relação à intervenção militar, falam do socorro à Rússia, quando se designa um Noutens para socorrer os muçiques famintos, não deixemos de denunciar o crime e de exercer os criminosos. É ainda combater, o socorro à Rússia não representa nenhuma trégua entre a reacção que esfomeia e finge agora socorrer, para melhor concluir a sua obra de extermínio, e a Revolução familiar. A fome na Rússia não é mais que um trágico episódio da guerra das classes internacionais. Se os grandes burgueses americanos dão realmente alguma coisa é porque a pressão das massas e a consciência agitada das multidões os obriga a isso, é porque elas não podem proceder de modo diferente — porque elas contam, ajudados pelos acontecimentos, poder dar o golpe mortal na Revolução. Víglas, combatê-los, acusá-los é ainda, para um revolucionário, socorrer a Rússia Vermelha.

Victor SERGE

Funcionários e assalariados do Estado

A fim de aprovarem o caderno de reclamações de carácter geral, reuniram-se, às 15 horas, os delegados das seguintes associações:

Empregados do Estado, Professores, Prácticos Oficiais, Pessoal dos Arsenais do Exército, Marinha, Exploração do Porto de Lisboa, Imprensa Nacional, Hospitais Civis, Casa da Moeda, Depósito Central de Fardamentos, Ferrovários do Minho e Douro e Sul e Sueste.

A comissão de delegados destes organismos que há dias tiveram sido incumbida pelos mesmos de estudar e concretizar as reclamações das diversas classes, concluiu ontem essa missão, submetendo-a hoje a aprovação dos seus delegados.

Consta-nos que as referidas reclamações visam a actualizar com a carestia da vida o regime das subvenções; concessão do «bonus» de 50 000 nos caminhos de ferro do Estado, a todos os empregados e assalariados do Estado, criação de uma caixa geral e única de reformas e pensões, pela fusão de todas as existentes, publicação do estatuto do funcionário e outras de carácter moral de somenos importância.

Os telegramos-postais, embora a oírem moralmente estas reclamações, não fazem parte da comissão, por estarem aguardando uma resposta às reclamações que entregaram ao ministro do Comércio.

Sendo a reunião de hoje uma sequela das anteriormente realizadas e de estarem asseguradas e sucedeu dum jornal operário que compareceram todos os delegados.

dos e que, portanto, ainda esta semana se entrem entregues ao governo as aludidas reclamações.

Instrução operária

Abertura do ano lectivo da escola do S. U. da Construção Civil

Na sede do Sindicato Único da Construção Civil, Calçada do Combro, 38-A, 2., efectua-se hoje, pelas 17 horas, uma sessão solene para abertura do novo ano lectivo, na qual farão uso da palavra representantes da C. G. T., U. S. O., Federação da Construção Civil e vários sindicatos.

Em seguida a sessão haverá certame de canções sociais por distintos cultores da canção nacional.

A comissão central escolar inaugura suas aulas amanhã, sendo as de instrução primária diurna, das 12 às 16 horas, e as de desenho: primeira turma, das 19,30 às 21,30 horas, e a segunda turma, das 21,30 às 23 horas.

IMPRENSA

Refractários

O grupo editor deste jornal individualista libertário pede-nos que informemos os camaradas de Lisboa de que «Refractários» se acha à venda em todos os locais onde se encontram os jornais operários.

Operários: comprando A BATALHA assinando-a, conquistando para ela

as anteriores realizadas e de estarem aguardando uma resposta às reclamações que entregaram ao ministro do Comércio.

Sendo a reunião de hoje uma sequela das anteriormente realizadas e de estarem asseguradas e sucedeu dum jornal operário que compareceram todos os delegados.

Teatro de S. Carlos

Telef. C. 5363

Companhia dramática

Rey Colago - Robles Monteiro

HOJE - Ás 21,30 (9.12) - HOJE

ULTIMO DOMINGO

OS LOBOS

Peça portuguesa

Sobres creações de Amélia Rey

Colago e Robles Monteiro

Magnífico desempenho

Encenação de António Pinheiro

BREVEMENTE

O REGRESSO

Reaparição da distinta actriz

Angela Pinto

2 SESSIONS

A's 8,30 e 10,30

2 SESSIONS

HOJE - 2.º DOMINGO

Pau de dois bicos

no

Eden Teatro

2 SESSIONS

A's 8,30 e 10,30

2 SESSIONS

Numeros de grande êxito

A canção das perdidas

no

1.º de Maio

AMANHÃ - Benefício dos artistas

despreparados do Gimnásio

Maré de Rosas

e Pau de dois bicos

A BATALHA

Peda Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação de calcado e peles

Reunião a comissão administrativa que

mais conhecimento de ofícios do Sindicato

dos cortadores do Guimarães, dando nova

admissão de todos os delegados

oficiais — em conformidade do Sindicato

U. J. C. C. e Peles, do Póvoa, tratando de

assuntos de carácter administrativo; ofício

do sindicato G, da Construção Civil de Lisboa, pedindo para a federação se fazer re

presentar na sessão solene de abertura

do ano lectivo, nomeando o comandante

Manuel Silva Campos.

Também se reúne hoje o comandante

dos manufaturadores de calcado de Lamego

para que auxilie a idéia de um delegado

do comitê federal do Norte, aquela criada

no Sindicato dos Sindicatos de S. João, de

ofício de secretário geral.

Brillante encenação

Deslumbrantes escenários

Magnífico desempenho

Belo efeito de uz

Finalmente

Conselho Único da Construção Civil

Reunião na próxima terça-feira em assem-

bleia geral.

Sindicato Profissional dos Serradores

Conselho de todos os componentes desta

associação a reunir-se em assembléa geral,

14 horas.

Devido à importância dos assuntos a tratar,

é de esperar que ninguém falte.

Sindicato de Palma e arredores - Escola

de Militantes - A fim de se tratarem assun-

tos urgentes, é necessário que os delegados

reúnam-se para tratar de assuntos de

extrema urgência.

Sindicato Único da Construção Civil

Reunião na próxima terça-feira em assem-

bleia geral.

Conselho dos Serradores

Conselho de todos os componentes desta

associação a reunir-se em assembléa geral,

